

Índice

Matar Um Elefante	9
Um Enforcamento	29

Matar Um Elefante

Em Moulmein, na Baixa Birmânia, fui odiado por muita gente — a única vez na vida em que fui suficientemente importante para tal. Era o oficial da polícia na subdivisão da cidade, onde o sentimento antieuropeu, ainda que de um modo mesquinho e difuso, era bastante forte. Ninguém tinha coragem para organizar um motim, mas se uma mulher europeia andasse sozinha pelos bazares era provável que alguém lhe cuspiisse para cima suco de bétele. Enquanto oficial da polícia, eu era um alvo óbvio e era apoquentado sempre que o infrator sentia poder fazê-lo sem riscos. Quando um ágil birmanês me rasteirava no campo de futebol e o árbitro (também birmanês) fazia vista grossa, a assistência exultava em medonhas gargalhadas. Aconteceu mais do que

uma vez. Para o final, o sorriso escarninho dos jovens poltrões que se cruzavam comigo, os apupos que me gritavam quando se viam a uma distância segura, afetaram-me seriamente os nervos. Os jovens sacerdotes budistas eram os piores de todos. Havia-os aos milhares na cidade e nenhum deles parecia ter mais nada para fazer do que parar pelas esquinas e troçar dos europeus.

Tudo isto era para mim fonte de perplexidade e perturbação, pois nessa altura eu já chegara à conclusão de que o imperialismo é uma coisa má, e que quanto mais depressa me livrasse daquele emprego e saísse dali, melhor. Em teoria — e em segredo, claro —, eu era completamente a favor dos birmaneses e contra os britânicos, seus opressores. Quanto ao meu trabalho, odiava-o mais amargamente do que seria talvez capaz de explicar. Num emprego como aquele observamos de perto o trabalho sujo do império. Os infelizes presidiários amontoados em jaulas fedorentas, os rostos pardacentos, amedrontados, dos condenados a longas penas, os traseiros cicatrizados dos que haviam sido sentenciados a vergastadas com canas de bambu — tudo isso me oprimia com um insuportável sentimento

de culpa. Mas eu não conseguia pôr nada em perspectiva. Era jovem, tivera uma educação deficiente, e tinha de considerar os meus problemas no absoluto silêncio que é imposto aos ingleses no Oriente. Nem sequer sabia que o império inglês está a morrer, e muito menos sabia que é bastante melhor do que os impérios que o vão suplantar. Tudo o que sabia era que estava entalado entre o ódio ao império ao serviço do qual trabalhava e a fúria contra os perversos brutinhos que tudo faziam para tornar impossível o meu trabalho. Por um lado, via o Raj britânico como uma tirania inamovível, como algo que se impunha, *per saecula saeculorum*, à vontade de povos prostrados; por outro lado, pensava que um dos maiores prazeres da vida seria espetar uma baioneta no bucho dum sacerdote budista. Sentimentos como estes eram o normal subproduto do imperialismo; senão, pergunte-se a qualquer oficial anglo-indiano, num momento em que não esteja de serviço.

Um dia aconteceu algo que, embora de forma indireta, constituiu para mim uma revelação. Em si, o incidente teve escassa importância, mas ajudou-me a compreender melhor a natureza do imperia-

lismo — os verdadeiros motivos que determinam as ações dos governos despóticos. De manhã cedo, o subinspetor de um posto de polícia do outro lado da cidade telefonou-me e disse que um elefante andava a destruir o bazar. Importava-me de ir até lá para tentar resolver o problema? Eu não sabia o que poderia fazer mas como queria ver o que se passava subi para um pônei e dirige-me para o local. Levei a minha espingarda, uma velha Winchester 44, demasiado fraca para matar um elefante mas pensei que o ruído podia ser útil *in terrorem*. Durante o trajeto, vários birmaneses pararam-me para me contar o que o elefante andava a fazer. Não se tratava, é claro, de um elefante selvagem mas de um elefante domesticado que entrara no frenesim a que chamam *must*. Fora acorrentado, como sempre se faz aos elefantes nessas circunstâncias, mas na noite anterior quebrara as correntes e fugira. O seu cornaca, a única pessoa capaz de o controlar quando se enfurecia, partira no seu encalço mas tomara a direção errada e encontrava-se agora a doze horas de distância, e de manhã o animal reaparecera de súbito na cidade. Como a população birmanesa não possuía armas de fogo, não tinha como se defender.